



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE A DISTÂNCIA

MARIA DA GUIA DA SILVA

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: contextualizando o papel na aprendizagem

João Pessoa – PB

2013

MARIA DA GUIA DA SILVA

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: contextualizando o papel na aprendizagem

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Apresentado como requisito para obtenção do título de Graduação Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

Orientadora: Profa: Ma. Karla Lucena de Souza

João Pessoa - PB

2013

S586a Silva, Maria da Guia da.

Afetividade na educação infantil: contextualizando o papel na aprendizagem / Maria da Guia da Silva. – João Pessoa: UFPB, 2013. 62f.

Orientador: Karla Lucena de Souza
Monografia (graduação em Pedagogia – modalidade a distância)
– UFPB/CE

1. Afetividade. 2. Educação infantil. 3. Aprendizagem. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 373.24 (043.2)

MARIA DA GUIA DA SILVA

AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: contextualizando o papel na aprendizagem

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Apresentado
como requisito para obtenção do título de Graduação
Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância pela
Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Karla Lucena de Souza – UFPB

Orientadora

(Examinador Interno)

(Examinador Interno)

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos vocês que acreditaram e me fizeram acreditar na concretização deste sonho e estiveram sempre ao meu lado, me ajudando, tranquilizando para que eu pudesse realizá-lo, meus pais Maria de Lourdes e José Severino, ao meu esposo José Roberto que nunca me deixaram desanimar, ao meu filho que embora não tivesse discernimento disto iluminava de maneira sublime meus pensamentos, levando-me a buscar conhecimentos, ao meu irmão que embora ausente nestes momentos torcia por mim. As minhas amigas Gercica, Renata e Lidiane que sempre me incentivaram. Ao meu tutor presencial Valdir que foi sempre um alicerce pra mim no trilhar deste percurso, não me deixando desistir e sempre me dando força.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, minha força maior, pois sem a fé que tenho nele nada seria possível, a ele minha gratidão maior.

A todos que compartilharam comigo o trilhar de mais esse caminho, colaborando de forma direta e indiretamente para que eu chegasse até esta etapa da minha vida.

Aos meus pais, são maravilhosos e incansáveis, irmão, esposo, ao meu filho Iago, amigos e toda família pelo apoio e orações, que de forma carinhosa deram-me força e coragem nos momentos de turbulência.

À todos os professores do curso que contribuíram para minha formação acadêmica, em especial à minha professora “orientadora” Ma. Karla Lucena de Souza, pela paciência na orientação maravilhosa e incentivo, que tornaram possível a conclusão deste trabalho. Ao meu grande amigo e tutor presencial Valdir Magno, por nunca ter me deixado desistir e esteve ao meu lado durante esses anos.

Meus sinceros agradecimentos a todos que me auxiliaram na subida de mais esse degrau não me canso de agradecer. Obrigada.

“Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, porque eu sou manso e humilde de coração e achareis o repouso para as vossas almas. Porque meu jugo é suave e meu peso é leve”.

Mateus, 11. 28 – 30.

RESUMO

A afetividade tem uma grande e fundamental importância na Educação Infantil, contribuindo assim no processo educacional. Considerando o amplo conceito de afetividade bem como variados sentimentos e emoções que fazem parte deste campo, torna-se imprescindível desenvolver procedimentos que permitam observar, estudar e descrever o processo atual. A partir desta ótica buscou-se analisar qual o papel da afetividade no desenvolvimento educacional da criança no município de Sapé-P.B, tendo como foco as creches Helena Pessoa de Melo Ribeiro Coutinho e Associação Nova Vida (ACNV). Metodologicamente optou-se por uma pesquisa de campo de cunho qualitativo, de caráter exploratório. Foi feita uma entrevista semiestruturada com os professores da Educação Infantil, tendo como foco o papel da afetividade na dinâmica da sala. Concluindo a referida pesquisa, foi possível identificar que apesar de ter um entendimento geral da importância relativa a afetividade ainda precisa ser ampliado o contexto no meio educacional.

Palavras Chave: Afetividade.Educação Infantil.Aprendizagem.

ABSTRACT

The affection has a large and very important role in kindergarten, thus contributing to the educational process. Considering the broad concept of affectivity and varied feelings and emotions that are part of this field, it is essential to develop procedures to observe, study and describe the current process. From this perspective we have analyzed the role of affectivity in the educational development of children in the city of São Paulo (SAPÉ-PB), focusing on nurseries Helena Person Melo Ribeiro Coutinho and New Life Association (ACNV). Methodologically opted for field research, a qualitative, exploratory. We conducted a structured interview with teachers from kindergarten, focusing on the role of affectivity in the dynamics of the room. Completing such research, we found that despite a general understanding of the relative importance of affectivity it still needs to be expanded in the educational context.

Keywords: Affection. Education Infantil. Aprendizagem.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	EDUCAÇÃO INFANTIL E SEUS CONCEITOS	13
2.1	A Infância de ontem e de hoje.....	13
2.2	Breve histórico da Educação Infantil no Brasil.....	17
3	AFETIVIDADE: SENTIMENTOS E CONTRIBUIÇÕES	22
3.1	Contextualização da Afetividade	22
3.2	A afetividade dentro da relação professor-aluno na educação infantil	28
4	PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	32
4.1	Local de estudo	34
4.2	População e amostra.....	35
4.3	Instrumentos da pesquisa	35
4.4	Procedimentos utilizados para a coleta de dados	36
5	ANÁLISE DOS DADOS	38
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50

REFERÊNCIAS

APÊNDICES

1. INTRODUÇÃO

O tema afetividade tem demonstrado importância no espaço educacional e para a sociedade. Por fazer parte de uma sociedade dita racional onde a demonstração de emoções encontra-se, por vezes não fazendo parte dos padrões atuais da sociedade capitalista e impessoal, vislumbra-se entender melhor qual o papel da mesma, ou sua ausência, dentro do contexto escolar. Varias são as ocasiões que se entrevê a imposição de comportamento pautado na valorização da razão e em relações sociais fundamentais, que determinam posturas adequadas para o convívio profissional, acadêmico, social, entre outros. As relações afetivas podem assim encontrar-se reprimidas, esquecidas, inutilizadas.

Segundo Dantas (1992) o ser humano desde seu nascimento é um ser afetivo e por isso a afetividade tem uma importância muito grande em toda e qualquer relação pessoal, seja familiar, profissional e escolar. Desta forma a valorização de laços afetivos no ambiente educacional se faz necessário, porém, para isto, é fundamental que o educador conheça e saiba da importância das fases de desenvolvimento pelas quais a criança passa em sua formação, para que a prática metodológica e de relação entre professor e aluno contemplem de forma significativa esse desenvolvimento. Diante de inúmeras formas, práticas inovadoras e modernas de ensino, em meio a tantos projetos utilizados no ambiente educacional e em sala de aula, a afetividade vem demonstrando ocupar papel relevante para o desenvolvimento humano e cognitivo, na educação e na sociedade, visto que a segunda é integrada por agentes preparados pela primeira. Freire (2010, p.11), no entanto, recomenda que “a tarefa do ensinante (...) é exigente de seriedade, de preparação científica, de preparo físico, emocional, afetivo”.

A afetividade vem colocando-se como um instrumento primordial e facilitador no processo ensino aprendizagem, pois quando a criança se sente respeitada, valorizada e amada pelo professor, esta, com certeza terá uma maior facilidade de desenvolver-se intelectualmente frente aos ensinamentos dirigidos a elas.

A família é responsável pela formação inicial da criança e logo em seguida inicia-se a formação da criança no ambiente escolar, onde a troca de afetividade entre educador e educando culmina em um significativo processo de ensino aprendizagem, pois a socialização

e a intimidade que estes (professor e aluno) compartilham, incentiva a curiosidade e desperta a motivação da criança para aprender.

Segundo Freire (1996, p.141), “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade”, mas é necessário ter cuidado com a falta de afeto como com afeto desordenados que podem descontrolar os verdadeiros sentimentos. Sentimentos como sonhos, desejos, entre tantos, expressam os afetos ou afetividade de uma pessoa, desta forma a falta de afetividade na vida de uma criança pode acarretar percas emocionais e pedagógicas, pois um bom relacionamento entre professor e aluno advém de uma cumplicidade e trocas de afetos entre as partes.

Assim sendo, a afetividade têm consigo a competência de proporcionar relações sociais de amizade e de autonomia nas crianças, tanto em sua vida pessoal quanto escolar, visto que um processo de ensino aprendizagem pautado em aspectos afetivos contribuem com a capacidade de pensar, agir, interagir, aprender.

Desta maneira, diante de tais observações, reflexões e estudos da grande relevância e influência das emoções e sua imprescindível importância na educação, busca-se entender, qual o papel da afetividade no processo ensino aprendizagem e como os professores entendem a necessidade da mesma estar presente nas atividades de sala de aula.

Para alcançar a resposta da anterior indagação elege-se como objetivo geral analisar qual o papel da afetividade no desenvolvimento educacional da criança no município de Sapé P.B, visando entender como os professores vêm trabalhando em sala de aula dentro deste contexto, se tornará atingível com o auxílio dos seguintes objetivos específicos: Conhecer como acontece a construção e evolução do conceito de infância na educação infantil, Investigar o entendimento dos professores em relação ao papel da afetividade dentro do espaço escolar, Identificar como está sendo trabalhada a afetividade na relação professor-aluno para o processo ensino aprendizagem.

Tais objetivos proporcionarão um melhor entendimento da problemática em questão, considerando-se ser de extrema relevância para o contexto atual da educação infantil, uma vez que o tema “afetividade” tem um papel importante no desenvolvimento psicológico, cognitivo e moral da criança, onde também influencia na percepção, na memória e na formação da personalidade.

Para Wallon (2007, p.122) “é inevitável que as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço tenham sobre sua evolução uma ação determinante”. Ao analisarmos o domínio dos afetos, nada parece existir de misterioso: a afetividade é tida como uma energia que dá impulso às ações, ou seja, existe algum interesse que motiva a ação do sujeito. O desenvolvimento da inteligência está interligado a esta motivação que pode despertada com frequência por objetos ou situações, no entanto, o princípio básico é o mesmo: a afetividade é a mola que determina as ações, e a Razão está a seu serviço.

Como Metodologia para este trabalho utilizou-se o desenvolvimento de uma pesquisa com caráter empírico, sendo realizada uma pesquisa bibliográfica e de campo, com a realização de entrevistas direcionadas aos educadores, do tipo aberta e semiestruturadas com 10 professores que fazem parte da educação infantil e vivem situações referentes ao tema pesquisado, possibilitando assim reconhecimento, importância e enriquecimento do tema. Será qualitativa e exploratória, no que possibilitará a participação ativa dos entrevistados, permitindo assim uma interpretação mais abrangente dos resultados. Os sujeitos da pesquisa são professores da rede municipal da cidade de Sapé, que lecionam nas creches Helena Pessoa de Melo Ribeiro Coutinho e Associação Comunitária Nova Vida, 5 são graduados e os demais estão cursando a licenciatura, nenhum educador possui pós-graduação, o tempo de serviço destes profissionais varia entre 1 a 16 anos.

No primeiro capítulo “A Educação Infantil e seus conceitos”, são explicitados marcos históricos importantes sobre a evolução do conceito de Educação Infantil, dando preponderantes contribuições sobre a temática em questão, esclarecendo ainda a concepção da figura da criança, dos primórdios da idade média até a atualidade.

No segundo capítulo “Afetividade: Sentimentos e contribuições”, aborda-se de categórica as contribuições e a real importância do afeto no desenvolvimento cognitivo da criança, bem como a construção das inteligências a partir de fatores afetivos; oferecendo dados teóricos para a efetivação da pesquisa direcionada ao trabalho dos professores em relação a referida temática.

No terceiro capítulo que refere-se à Metodologia está apresentado o tipo de pesquisa desenvolvida, pesquisa de campo, exploratória, de cunho qualitativo, onde na mesma foi realizada entrevistas semiestruturada, direcionada a 10 (dez) professores das creches campo de estudo, possibilitando o aprofundamento e enriquecimento do tema .

No quarto e último capítulo vislumbram-se as análises dos dados referentes a temática abordada, através das entrevistas aplicadas aos professores, onde mostra-se aspectos relevantes e contribuintes para o direcionamento da investigação explícita na pesquisa de campo.

Finalizando, apresenta-se as considerações finais em relação a Educação Infantil, a afetividade, sua contextualização e importância no processo ensino-aprendizagem, buscando-se com isto, deixar uma pequena contribuição das reflexões sobre as práticas pedagógicas que tem como base a afetividade, ressaltando a importância da valorização da mesma no processo educacional na educação infantil.

Este estudo tem como papel fundamental compreender como os professores veem a afetividade, suas contribuições no processo ensino-aprendizagem e a forma como trabalham a afetividade em sala de aula, na expectativa que todos estejam preparados para a construção de uma aprendizagem pautada em laços afetivos que auxilie no desenvolvimento cognitivo e intelectual da criança. Para isto faz-se necessário uma constante pesquisa sobre o tema, de forma a acompanhar este processo educacional afetivo na educação infantil.

2. EDUCAÇÃO INFANTIL E SEUS CONCEITOS

Ao abordar-se a teoria que trata do conceito de Educação, mais estreitamente Educação Infantil, torna-se imprescindível perceber como surgiu e como aconteceu a construção de tal conceito, bem como sua transformação ao passar dos tempos. É necessário entender que estas transformações acontecem em meio a contextos sociais, que são influenciados por acontecimentos históricos advindos de mudanças nos padrões da sociedade, na família e no mundo.

No transcorrer dos tempos a criança e mais exatamente a infância passa a ser vista de uma nova forma, sendo mais notada no contexto social, essa evolução começa acontecer na Idade Média e vai concretizando-se a partir do século XVII por diante. Sendo assim faz-se primordial conhecer e entender como aconteceu à concepção do conceito de infância visto atualmente.

2.1 A Infância de ontem e de hoje

Por muitos anos nos primórdios das civilizações, a criança era vista como uma miniatura de um adulto, e sendo assim, o sentimento de infância surge a partir da modernidade, porém muito timidamente. Segundo Áries (1978) durante muitos anos os cuidados destinados às crianças pequenas eram unicamente e exclusivamente da família, atendidas principalmente por suas mães ou amas de leite, e após o desmame as crianças já passavam a ser vistas como pequenos adultos, sendo assim encaminhadas para vida conjunta com os adultos, recebendo tarefas a serem realizadas para ajudarem no dia a dia das famílias, passando também a receber uma assistência básica para sua inserção na vida em sociedade, já

que as mesmas já eram vistas como pequenos adultos. Diante destas perspectivas percebe-se que as crianças não tinham uma identidade própria, autônoma, valorizada.

Áries (1978), em seus estudos afirma ainda que as crianças eram submetidas ao estado de esquecimento, insignificância, por parte de seus pais biológicos, não havia uma cultura de cuidar e dar importância ao pequeno ser em desenvolvimento, e destacam-se neste período os altos índices de mortalidade infantil, os quais não causavam sentimento de perda e tristeza em seus familiares, pois era dada uma importância insignificante a criança que não correspondia aos padrões impostos pelos pais e pela sociedade, que via a criança como utilitária e não como um ser que necessitava de carinho, educação e atenção afetiva. A família era uma entidade puramente social, jamais amorosa, ou seja, amor materno era inexistente na referente época.

Desta maneira as crianças não tinham o cuidado e atenção de seus pais consanguíneos, podiam e eram criadas por outras famílias, mães mercenárias que não dedicavam nenhum tipo de atenção a estas, culminando assim muitas vezes na morte das mesmas, no entanto, as crianças que sobreviviam e atingiam a idade de 7 anos eram inseridas em suas famílias, onde estas eram submetidas ao trabalho. Tanto na Idade Média quanto na Moderna a infância não tinha caracterização própria, era enfatizado apenas as mudanças físicas, para aquela sociedade a infância iniciava-se com o nascimento dos dentes e chegava ao fim aos 7 anos de idade, quando passavam a ser vista como um adulto em miniatura. Este período também ficou marcado por muitos abandonos de crianças em igrejas e hospitais, desta maneira percebe-se a indiferença que as crianças eram vistas.

As idéias de abandono, pobreza, culpa e caridade impregnam assim, as formas precárias de atendimento a menores nesse período e vão permear determinadas concepções a cerca do que é uma instituição que cuida da Educação Infantil, acentuando o lado negativo do atendimento fora da família. (OLIVEIRA, 2002, p.59)

Como consequência desta indiferença vivida pelas crianças em meados do século XVII, o número de mortalidade infantil explode de forma gigantesca, no entanto essas percas não eram tidas como sentimentos de tristeza, como pode-se constatar no comentário de Áries “[...] as pessoas não podiam se apegar muito a algo que era considerado uma perda eventual [...]” (1978 : 22). Desta forma para a sociedade e para as famílias a morte era algo normal e

corrente de forma natural, devido a isto as crianças eram tidas como seres que não representavam valor algum e poderiam ser rapidamente substituídas por outras.

Segundo Áries (1986) as mudanças relativas ao conceito de infância têm início ao final do século XVII com a nova ordem social, trazidas e postas em prática pelas reformas religiosas católicas e protestantes, onde surge uma atenção maior as crianças, suas necessidades e educação. Devido a importância agora dada a educação infantil de forma sistemática, eis que surge necessariamente a criação de escolas que ajudasse na formação inicial destas crianças, objetivando assim na formação intelectual por meio da leitura e escrita. Estas positivas mudanças incentivam também no seio familiar uma afetividade em relação a estas crianças, as mesmas já eram detentoras de uma atenção na valorização da educação, e por esse motivo enxerga-se a necessidade de uma educação escolar. Nesse dado tempo histórico as crianças foram então separadas dos adultos e mantidas em escolas até estarem “prontas” para a vida em sociedade. (Ariès, 1978).

Juntamente com a preocupação em relação a formação educacional da criança surge também uma maior atenção com a formação moral, a qual ficou a cargo da igreja, que tinha como conceito que a criança era fruto do pecado humano, devendo assim ser encaminhada para uma formação moralista, a partir deste pressuposto nasce então o sentimento de infância que inspira a educação do século XX (Áries, 1989), culminado em uma atenção a infância de forma repressora e compensatória, como nos mostra Kramer:

Após esse entendimento em relação a criança e sua concepção, o sentimento de infância corresponde a duas atitudes contraditórias: uma considera a criança ingênua, inocente e graciosa e é traduzida pela paparicação dos adultos, e a outra surge simultaneamente à primeira, mas se contrapõe à ela, tornando a criança um ser imperfeito e incompleto, que necessita da “moralização” e da educação feita pelo adulto (KRAMER, 2003, p,18)

Porém por volta dos séculos XVII e XIX a infância é vista de uma nova forma. Para Amarilhas (2002), em conjunto com a Revolução Industrial a infância passa a receber um

valor econômico e exploratório, o direito ao acesso a escola que antes lhe foi oferecido, agora lhe é retirado, para que sirva de mão de obra para as indústrias, provocando o não cumprimento destes direitos, levando novamente as crianças ao mundo dos adultos e do trabalho infantil. Amarilhas (2002) reforça a referente afirmação com o seguinte comentário:

se a vida em comum com os adultos, antes da Revolução Industrial, tratava a criança com descaso, agora, o seu valor enquanto geração de braços para a indústria e cabeças para o comando lhe traz o exílio do seu tempo. Viver a infância passa a ser um período dominado por modelos de preparação para ser o futuro adulto. A criança como tal, com identidade específica, continua desrespeitada e desumanizada (AMARILHAS, 2002, p. 128 a 129).

É necessário também ressaltar foi muito frequente a diferenciação de atendimento a crianças de sexos diferentes, o sexo feminino era tido como o resultado de uma relação carnal, que fazia parte de uma liberdade desregrada, no entanto, o nascimento de um menino era comemorado de forma diferenciada. A mudança de paradigmas atrelados a infância veio a demonstrar avanços nos séculos XV, XVI e XVII, quando se reconheceu que a criança tinha necessidade de tratamentos especiais, integrantes de sua idade, e sendo assim, buscou-se dar uma maior valorização a estas crianças, deixando de misturá-las e tratá-las como adultos em miniatura (HEYWOOD, 2004, P.23).

Na percepção de Heywood (2004) o conceito existente sobre infância estava estreitamente ligado ao paradigma de adultos imperfeitos, ao quais não despertavam algum interesse nos adultos. “Somente em épocas comparativamente recentes veio a surgir um sentimento de que as crianças são especiais e diferentes, e, portanto, dignas de ser estudadas por si sós” (HEYWOOD, 2004, p.10).

Em meio a tais problemáticas que envolvem o conceito de infância podemos entender que tal conceito foi construído por muitas transformações sociais, desde o século XVII até os dias atuais, onde nos levou a perceber e valorizar a infância como uma fase ímpar, importante e determinante na formação de um futuro cidadão.

Ao enveredarem-se na contemporaneidade no âmbito deste conceito sobre infância, pode-se enumerar múltiplas mudanças em desenvolvimento no que diz respeito a direitos conquistados e garantidos referentes a preservação da “infância”. Sabendo que a criança por muitas décadas foi vítima de um descaso em relação a seus direitos, em 1988 houve a promulgação de um documento muito importante, que criava, assegurava e garantia os direitos deste pequenos cidadãos, foi a Constituição Federal de 1988, após este foram criados outros documentos não menos importantes, como: Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) 8.069/90, Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBEN), que assegura e contempla a formação educacional e sistemática das crianças, onde encontra-se os princípios gerais da educação.

2.2 Breve histórico da Educação Infantil no Brasil

A contemporaneidade mostra uma nova forma de perceber e pensar sobre valores, organização e educação em torno da infância e suas especificidades. Ao passar de décadas de anos aconteceram inúmeras mudanças nas instituições educacionais e na Educação Infantil por consequência, transformações estas que mudou o paradigma em que a criança era tida como um adulto em miniatura e sem valor, estas mudanças impulsionam-se pelas transformações em contextos sociais, culturais e econômicos. “Este percurso (esta história), por outro lado, só foi possível porque também se modificaram na sociedade as maneiras de se pensar o que é ser criança e a importância que foi dada ao momento específico da infância” (BUJES, 2001, p.13).

As transformações na história da Educação Infantil no Brasil não diferem muito dos parâmetros em contexto mundial, acentuando-se apenas o assistencialismo e improvisado as transformações ocorridas no Brasil. Na tentativa de sanar a problemática que envolvia a infância, no século XIX, criam-se creches, asilos e internatos, os quais objetivam dar

assistência a crianças pobres, porém, estas instituições não mudaram a realidade existente, foi apenas uma iniciativa remediadora.

Como Didonet (2001) expõe o grande impulso pela criação de um espaço que oferecesse segurança e cuidado para as crianças surgiu juntamente com a Revolução Industrial, pois as famílias tinham que lutar pela sobrevivência trabalhando nas fábricas e o índice de mortalidade infantil causados por acidentes domésticos crescia fortemente. Foi com essa preocupação, ou com esse "[...] problema, que a criança começou a ser vista pela sociedade e com um sentimento filantrópico, caritativo, assistencial é que começou a ser atendida fora da família" (DIDONET, 2001, p. 13). Ainda segundo Didonet (2001):

Enquanto para as famílias mais abastadas pagavam uma babá, as pobres se viam na contingência de deixar os filhos sozinhos ou colocá-los numa instituição que deles cuidasse. Para os filhos das mulheres trabalhadoras, a creche tinha que ser de tempo integral; para os filhos de operárias de baixa renda, tinha que ser gratuita ou cobrar muito pouco; ou para cuidar da criança enquanto a mãe estava trabalhando fora de casa, tinha que zelar pela saúde, ensinar hábitos de higiene e alimentar a criança. A educação permanecia assunto de família. Essa origem determinou a associação creche, criança pobre e o caráter assistencial da creche. (DIDONET, 2001, p. 13)

Segundo Shimit (1997) existem dois importantes marcos históricos relacionados as crianças, são os séculos XVII e XVIII, estes marcaram a descoberta da infância e referencialmente no século XX inicia-se uma das mais fortes e importantes mobilização em prol da criança e sua formação educacional. Exatamente neste dado momento histórico para educação e para a criança, inicia-se a busca por uma nova forma de educar e cuidar de crianças pequenas, surgindo assim a proposta da Escola Nova trazendo uma proposta educacional que visava atender as necessidades socioeconômica da sociedade e da criança.

Ainda neste período, mas precisamente no ano de 1950 extinguiu-se no Brasil a roda dos excluídos, dando lugar então às casas de amparo, porém, cresceu demasiadamente o número de creches organizadas e mantidas por entidades filantrópicas, destacando-se o atendimento às crianças de baixa renda, que eram filhos incluídos em programas de baixo

custo financeiro por serem filhos de funcionários de indústrias, que não tinham com quem deixar as crianças. Isto resultou também na criação de jardins de infância, modalidade esta que era vista de forma positiva por alguns setores sociais, por apresentarem que esta acrescentaria no desenvolvimento infantil, no entanto, acaba sendo vista como uma cópia de instituições europeias, e passa a ser alvo de críticas.

Diante da urbanização do país e o crescimento industrial, a necessidade por creches também aumentou, visto que um grande número de mulheres fazia parte do mercado de trabalho, e diante desta situação pela qual a sociedade passava, foi aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 4024/61), pela primeira vez, incluindo os jardins de infância no sistema de ensino. A referida lei estabelecia que:

Art. 23 – A educação pré-primária destina-se aos menores de até 7 anos, e será ministrada em escolas maternas ou jardins de infância.

Art. 24 – As empresas que tenham a seu serviço mães de menores de sete anos serão estimuladas a organizar e manter, por iniciativas próprias ou em cooperação com poderes públicos, instituições de educação pré-primária (LDB, 1961).

Logo após, nos anos 80 passou-se a reivindicar por parte da população carente, uma participação do estado para ampliar o acesso a escola, passando esta a ser dever do estado, que até o dado momento não comprometia-se com esta incumbência, e em 1888 os movimentos feministas ganham força e unem-se aos movimentos sociais, resultando assim no reconhecimento da educação em creches e pré-escolas, definidos pela Constituição como um direito das crianças e dever do Estado.

Como apresenta Merisse (1997) o movimento e a luta pela criação de creches, impulsionada pelo feminismo, demonstrava suas reivindicações as esferas públicas, no contexto pelos direitos sociais e de cidadania, causando modificações e significados às creches como instituição de ensino. A qual começa a ser vista como uma organização especializada no atendimento e educação referente a criança pequena, que deveria ser compreendido não mais como um mal preciso, mas como uma alternativa, onde poderia se

organizar de forma apropriada e saudável para a criança, almejado à mulher e a família. A creche então apresenta-se a partir de então como um serviço oferecido por direito as crianças e as mulheres, sendo assim um atendimento complementar designado as famílias, o mesmo torna-se importante, necessário e desejável.

Este movimento manteve uma pressão dirigida ao poder público pela expansão e oferta de creches públicas e particulares e em 1988, a Constituição Federal assegura e garante as crianças uma maior assistência a educação infantil brasileira, e nesta passou a ser direito das crianças com idade entre 0 a 6 anos frequentarem creches e jardins de infância como demonstra o artigo 208: “O dever do Estado será efetivado mediante a garantia de: IV- atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade.”

Neste artigo da Constituição Federal é explicitado a garantia e reconhecimento da participação precisa do Estado na modalidade educacional dirigida às crianças que eram incluídas no atendimento em creches, reconhecendo-se assim não somente a necessidade de um cuidar das crianças pequenas, mas também do educar, onde o referido documento oficial define que a educação é um direito da criança e uma opção familiar. Constituição Federal foi criada outros documentos oficiais que garantem o acesso a educação as crianças, com suas particularidades, como é o caso da Lei nº 9.394/96, chamada de Lei de Diretrizes e Bases da Educação- LDB, promulgada em dezembro de 1996, a qual representa uma das mais valiosas e importante conquista para educação infantil Brasil. Lei esta que organizou inúmeros artigos ao atendimento da criança de 0 a 6 anos entre os quais destacam-se:

Art. 21 :A educação escolar compõe-se de :

I – educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio.

Art. 29- A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30- A educação infantil será oferecida em :

I- creches, ou entidades equivalentes, para crianças de zero a três anos de idade: II – pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos de idade.

Art. 31- Na educação infantil, a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro de seu desenvolvimento, sem objetivo de promoção, mesmo para o acesso para ensino fundamental. (LDB, 1961).

Os artigos transcritos acima demonstram a importância e o avanço do conceito de infância, bem como sua importância nos âmbitos sociais e educacionais, onde desde os primeiros anos de vida estas têm direitos garantidos por lei, onde o acesso e permanência em creches e pré-escolas faz parte do processo de formação das crianças como verdadeiros cidadãos.

Deixar as crianças, isto resultou também na criação de jardins de infância, modalidade esta que era vista de forma positiva por alguns setores sociais, por apresentarem que esta acrescentaria no desenvolvimento infantil, no entanto, acaba sendo vista como uma cópia de instituições européias e passa a ser alvo de críticas.

As mudanças na educação brasileira não pararam e de acordo com Rocha (1999) estas mudanças deram-se no âmbito do cuidar, preservar e preparar as crianças e sua infância, agora reconhecidas, mudanças estas apresentadas pela Escola Nova e seus movimentos inovadores, que apoiaram o atendimento e instrução das crianças. Como fala Rocha (1999) em suas afirmações:

O próprio aparecimento da pré-escola no Brasil se deu sob as bases da herança dos precursores europeus que inauguraram uma tradição na forma de pensar e apresentar proposições para a educação da criança nos jardins de infância, diferenciadas das proposições dos modelos escolares. (ROCHA, 1999, p. 55)

Assim sendo, os europeus instalaram no Brasil um novo modelo de educação, este agora mais específico para a faixa etária das crianças que faziam parte dos jardins de infância, apresentando novas propostas direcionadas a educação infantil, da pré-escola, diferenciando-se assim dos modelos escolares.

3. Afetividade: sentimentos e contribuições

Viver nesta sociedade capitalista, por vezes, tornou-se uma atividade complicada e difícil de executar. Juntamente com as mudanças ocorridas na sociedade, bem como em suas relações com as pessoas e entre as pessoas, em algumas ocasiões tem se esquecido de preceitos e valores considerados importantes e sublimes. Por vezes seres humanos demonstra uma dificuldade em cultivar laços afetivos entre os mesmos, pontos referenciais que lhes garantam tranquilidade e segurança, visto que o instinto de sobrevivência e individualismo fala mais alto neste modelo competitivo de sociedade.

A afetividade exerce uma grande influência no ser humano, pois a mesma está presente em atitudes expressas pelo indivíduo, determinando assim bons ou maus reflexos em suas convivências e conduta (Antunes, 2007). Desta maneira, a afetividade não pode ser indiferente, separada das relações construídas no ambiente escolar, onde acontecem as relações cognitivas entre alunos e professores, as quais determinam a aquisição da aprendizagem por parte do aluno.

3.1 Contextualização da Afetividade

A afetividade detém uma grande importância para a educação, principalmente na modalidade da educação infantil. De acordo com Ana Rita Silva Almeida (2005), afetividade tem um vasto conceito, dos quais integram-se variados sentimentos e emoções, como: medo, alegria, paixão, os quais são pertinentes ao processo de ensino-aprendizagem

AFETO1 (a.fe.to)sm.1. Sentimento de carinho, de ternura por algo ou alguém [+ a, para (com), por : afeto a/para (com)/por animais] 2. O objeto desse sentimento: Não tinha filhos, o sobrinho era seu afeto 3. Psi. Sentimento de caráter emotivo, como o amor, o ódio, a raiva etc.4. Psi. Um dos três tipos de função mental, junto com a cognição e a volição. 5. Psiq. Estado emocional relacionado à realização de uma pulsão [F.: Do lat. affectus, us.] (<http://aulete.uol.com.br/afeto>)

AFETO 2 (a.fe.to) a.1. Que tem ou revela dedicação, apreço por; que é afeiçoado a; DEDICADO; DEVOTADO [+ a : empresário afeto a obras sociais] 2. Que é destinado a [+ a : verba afeta ao departamento de vendas] 3. Concernente a ou

dependente de; da competência de [+ a : programas afetos à área da saúde][F.: Do lat. *affectus*, a, um. (<http://aulete.uol.com.br/afeto>)

AFEIÇÃO: (a.fei.ção) sf.1.Sentimento de afeto, carinho, apego por algo ou alguém [+ a, para (com), por :afeiçãoàs /para (com)/pelas crianças.]2.Inclinação, tendência, pendor para algo. [+ por :afeiçãopela música][Pl.: -ções.][F.: Do lat. *affectio*, *onis*, por via popular]. (<http://aulete.uol.com.br/afeto>)

Afetividade: (a.fe.ti.vi.da.de) sf.1. Qualidade, característica ou condição do que ou de quem é ou se mostra afetivo. 2. Psi. Conjunto de fenômenos de natureza psíquica que envolvem emoções e sentimentos. 3. Psi. Capacidade ou susceptibilidade (de alguém) de reagir com ou manifestar facilmente emoção, sentimento etc. [F.: afetivo + -(i)dade.] (<http://aulete.uol.com.br/afeto>)

De acordo com Wallon (1941, apud ALMEIDA, 2008) a afetividade, bem como sua significação é muito abrangente. Na mesma inserem-se variadas manifestações, das bases orgânicas (expressões de dor e de felicidade, que a criança conhece, como exemplo: o sentimento de fome ou sono), até as expressões ligadas ao aspecto social (como medo, emoção, paixão). A afetividade pode ainda conceituar-se como o geral domínio emocional do ser humano, dos sentimentos e emoções e, principalmente da habilidade de estar em contato com afetos e emoções, por meio de vivências entre os indivíduos e suas relações sociais e humanas (BERCHT, 2001). Ao falar de afetividade se faz imprescindível citar a emoção, a qual é a manifestação desta, “[...] ou seja, através das expressões corporais e motoras acontece o primeiro elo de ligação entre o aspecto orgânico e o social, sendo estes os primeiros pontos de contato com o universo humano, e posteriormente com o mundo físico”.(MAHONEY; ALMEIDA,2005, P.20).

Vale ressaltar que quando trata-se de afetividade, o sentimento faz-se de alta relevância, pois é a partir do mesmo que expressa-se os afetos (MAHONEY; ALMEIDA, 2005). Compreende-se que sentimentos não são soltas, mas sim construídos, diferentemente da emoção. JUNQUEIRA (2013) ao citar SALLA(2011, p.2), destaca que:

Quando uma mãe abre os braços para receber um bebê que dá seus primeiros passos, expressa com gestos a intenção de acolhê-lo e ele reage caminhando em sua direção. Com esse movimento, a criança amplia seu conhecimento e é estimulada a aprender a andar. (SALLA, 2011, p.2).

Nesse sentido, de acordo com (SALLA 2011), pode-se constatar que a afetividade seria manifestações expostas por parte do sujeito, pelas quais os mesmos são atingidos, e sendo assim, o tema torna-se ainda mais especial e preponderante, por que o ser humano está a todo o momento aprendendo algo novo, e as crianças principalmente, pois as mesmas são afetadas a todo instante por seus familiares, cuidadores, que lhes amam, educam, dando carinho e limites, havendo desta forma a expressão de afeto nesta troca de saberes.

A toda hora, em toda situação vivenciada pelo ser humano, o mesmo busca um bem estar, tanto exterior quanto interior, buscando constantemente o afeto, pelo qual somos fortemente afetados pela sua existência ou não. A partir de regimentos e obediência de normas, emoções e reações são expostas pelo indivíduo, seja de maneira consciente ou inconsciente, estas reações fazem parte do fazer diário e leva a respostas positivas e ou negativas, fundamentadas muitas vezes em ações transmitidas no passado. O afeto é necessário em toda e qualquer relação, principalmente familiar: entre pais e filhos. Imbasciati (1998).

De acordo com Klein (1996), é no seio familiar que acontece as relações que nortearão as relações básicas da vida do indivíduo, por este motivo a instituição familiar tem um forte papel que influencia na formação de personalidade da criança, pois sendo a família a primeira instituição educativa de que a criança participa, é sobre esta que se constrói valores morais e éticos, que farão parte da formação da pessoa.

Diante desta assertiva é importante destacar que o acompanhamento, a busca pelo entendimento afetivo do que acontece com o outro, estimulando o crescimento. A presença dos pais na vida da criança, dos filhos, dos educandos, que se encontram em formação, é muito importante, pois o fator afetivo e emocional influencia o ser humano, e principalmente a criança, de forma determinante até mesmo seu desenvolvimento e aprendizagem escolar. “(...) As lições emocionais que aprendemos na infância, em casa e na escola, modelam os circuitos emocionais, tornando-nos mais aptos — ou inaptos — nos fundamentos da inteligência emocional, (...)”(GOLEMAN, 1995, p.13).

Para um melhor entendimento sobre o tema afetividade faz-se primordial entender a perspectiva de afetividade, bem como o desenvolvimento cognitivo com o estudioso Jean

Piaget, onde afirma que, o afeto é primordial no desenvolvimento e funcionamento da inteligência. Como afirma Piaget (1976):

(...) vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão. (1976, p.16)

Pode-se constatar que a falta de afeto desencadeia também, por vezes, o desinteresse, precisão e motivação pela aprendizagem, não há curiosidades, e na falta desta, o desenvolvimento mental pode ser incompleto, pois afetividade e cognição são integrantes uma da outra, se complementando mutuamente.

Piaget (1976), afirma em seus estudos que o afeto tem uma relevante importância no desenvolvimento das estruturas cognitivas, e a falta de afeto pode retardar o desenvolvimento intelectual, pois através do afeto não explica-se a construção das inteligências, porém, conhecimentos e atividades mentais são norteadas pelo fator afetivo.

Piaget (1976) realizou várias pesquisas e estudos em relação ao homem, bem como a construção do conhecimento humano, onde compreendeu que o desenvolvimento cognitivo dá-se continuamente, acompanhando o amadurecimento do ser humano, o qual o autor divide em quatro estágios, a saber:

Sensório-motor (0 a 2 anos): Segundo La Taille (2003), o estudioso Piaget faz uso da expressão “a passagem do caos ao cosmo” para assim demonstrar o resultado do estudo feito em relação a construção do real como também sua explicação. De acordo com Piaget e sua tese, é durante este estágio que a inteligência da criança demonstra-se em suas ações, ou seja, a mesma conquista a aptidão necessária para controlar intencionalmente seus reflexos, gerando assim seus desejos em ações próprias e individuais.

O estágio sensório-motor antecede a linguagem, neste, a criança tem a capacidade de percepção do seu próprio corpo como também dos corpos que fazem parte de seu ambiente. O lado afetivo neste período pode ser percebido através do sorriso, o qual é impulsionado pelo sorriso de outra pessoa.

Pré-operacional (2 a 7 anos): neste estágio predomina a utilização da linguagem como representação da criança sobre seu entendimento de mundo, acontecendo assim por meio da forma simbólica e social, como: imitações de fatos ocorridos em sua vivência e brincadeiras com o uso da imaginação. Neste dado momento de amadurecimento infantil o egocentrismo marca sua personalidade e ações, a criança apenas concentra-se nela própria, tornando-se sociável e comunicativa ao transcorrer do referido estágio.

Operações concretas (7 a 12 anos): este terceiro momento impulsiona na formação e desenvolvimento infantil a obtenção relativa a noção de reversibilidade de suas ações. Desperta a partir desta idade os processos mentais, onde utiliza-se a habilidade de discriminação de variados objetos, bem como sua paridade e diferenças, ocorrendo assim o domínio de conceitos temporais e numerais.

Operações formais (a partir dos 12 anos): Esta fase é o início da fase adulta, em relação ao amadurecimento e desenvolvimento cognitivo da criança. Nesta idade o adolescente já tem formado seu pensamento de forma lógica, atingindo assim o raciocínio lógico abstrato, relacionando-o assim conceitos e hipóteses.

Com base no que diz Oliveira (2001) comprova-se que a afetividade tem uma grande e influente relevância para a vida, tanto quanto as transformações cognitivas, pelas quais as crianças passam. A afetividade e a inteligência estão intimamente interligadas no desenvolvimento mental humano, isto comprova-se, quando observa-se algum problema de que a criança participa, principalmente se for familiar, a mesma é afetada e emocionalmente e afetivamente, comprometendo assim seu desenvolvimento cognitivo.

Piaget (APUD MOREIRA, 1999) defende em sua teoria que a aprendizagem, bem como sua construção, dá-se através da interação, para o mesmo o desenvolvimento cognitivo

procede-se a partir da ação do indivíduo sobre o objeto concreto, que deve fazer parte de seu ambiente educativo e vivencial.

Henri Wallon (2007) enfatiza que a afetividade está no centro na apropriação e construção do conhecimento humano, onde a expressão emocional é puramente social, precede e chega a superar os recursos cognitivos. (Dantas, apud Wallon, 2007).

Através da psicogenética de Wallon (1995), a iniciação constituinte da pessoa, bem como seu conhecimento , inicia-se no tempo chamado impulsivo-emocional, e estese estende até os primeiros 12 meses de vida da criança. O autor afirma ainda que ao nascerem, os seres humanos já são seres afetivos, no entanto esta afetividade atém-se resumidamente em suas atividades fisiológicas da emoção, ocorrendo a diferenciação de forma gradativa à vida racional. No decorrer da maturidade vivida pela criança, o lado afetivo e inteligente alterna-se predominantemente e a afetividade regride, dando lugar maior intensidade a atividade cognitiva. (Dantas, 1992).

Pino (1997), ao argumentar sobre as atividades cognitivas afirma que a atividade de construção do conhecimento humano é uma atividade advinda de uma relação que contém três elementos primordiais, e não dois: o sujeito que conhece, o objeto a ser conhecido e o elemento mediador deste conhecimento. Pino (1997, p. 94), afirma que

“embora a atividade de conhecer pressuponha a existência no sujeito de determinadas propriedades que o habilitam a captar as características dos objetos, há fortes razões para pensar que o ato de conhecer não é obra exclusiva nem do sujeito, nem do objeto, nem mesmo da sua interação[direta],mas da ação do elemento mediador, sem o qual não existe nem sujeito nem objeto de conhecimento” (idem, p. 2).

De forma similar, Klein (1996, p.94) adverte que o objeto de conhecimento é inexistente fora das relações sociais humanas. *“De fato, para chegar ao objeto, é necessário que o sujeito entre em relação com outros sujeitos que estão, pela função social que lhe atribuem, constituindo esse objeto enquanto tal”* (p. 94). A partir deste entendimento pode-se apreender que á através das relações entre os indivíduos que se adquire o saber sobre o objeto de conhecimento, visto que o mesmo existe a partir de sua utilidade no meio social. Sendo

assim, o conhecimento sobre os objetos culturais acontecem de forma vivenciada, ganhando desta maneira significado e sentido.

Isso posto, fica evidente que é nas relações pessoais que os objetos ganham sentido afetivo, conferindo, dessa maneira, a competência do objeto internalizado. Nesse sentido, supõe-se que são intrínsecos ao processo de internalização aspectos de cunho cognitivos e também afetivos.

Considerando as argumentações dos estudiosos acima, iniciou-se uma área para vários estudos que abordam esta temática, a influência causada pelos aspectos afetivos na vida escolar das crianças, ou seja, no processo de aquisição da aprendizagem.

3.2 A afetividade dentro da relação professor-aluno na educação infantil

Quando fala-se em professor ou educador, faz-se necessário entender seu verdadeiro papel no contexto educacional, relacionando sua função de planejar sua metodologia de trabalho de forma que venha a favorecer a aprendizagem de todas as crianças, contemplando assim não apenas seu desenvolvimento como discente, mas também na sua formação por completo, como pessoa que tem sentimentos e estes fazem parte de sua personalidade. Segundo Oliveira (2002) este profissional deve apresentar uma formação teórica e prática para que as pessoas compreendam todos os princípios que norteiam seus trabalhos.

A relação que ilustra o ensinar e o aprender percorrem a partir de laços afetivos e vínculos iniciados no seio familiar, onde o apoio nesta relação familiar é a afetividade. É por meio da comunicação, de início, que uma criança pequena mobiliza adultos em sua volta, sendo esta a forma de garantir atenção e cuidados necessários. Logo o laço afetivo é formado entre a criança pequena e o adulto, sendo esta a fase inicial do processo de aprendizagem. Sua posição é predominante e fundamental no início de sua vida, a qual determina e facilita sua sobrevivência (Wallon, 2007). Este modo de comunicação não difere-se em relação ao outro indivíduo, por meio do vínculo afetivo que, ao iniciar sua vida, o bebê vai sendo introduzido e começa a fazer parte do mundo simbólico, e, desta forma avançando na área cognitiva.

A partir de então, para a criança pequena, confirma-se de grande importância a função do vínculo afetivo, que de imediato se apresenta na relação constituída entre pai-mãe-filho e, conseqüentemente, irmãos. Ao decorrer deste amadurecimento infantil, o convívio social da

criança ganha outras extensões, e os vínculos afetivos aumentam, e sendo assim a imagem do professor aparece com amplo significado, na interação do processo de ensino-aprendizagem, na idade escola. Qualquer que seja a aprendizagem, esta, está repleta de afetividade, visto que este processo ocorre em meio as interações sociais, numa atividade social, portanto, de forma específica na aprendizagem escolar. O enredo acontece em meio a alunos, professores, currículo escolar, normas e regras escolares, etc. Não se efetiva somente no campo cognitivo, têm-se no centro dessas relações o fator afetivo. (Fernández, 1991).

Sabe-se que a relação professor-aluno, vai além dos limites profissionais e institucionais, pois na verdade, esta é uma relação íntima que envolve sensações sentimentais que farão parte da vida da criança. Nota-se que essa interação entre professor-aluno, deve ser baseada na troca de afetividade comunicação, entre as partes, como ponto norteador de elaboração do conhecimento e da parte emocional. . (GRISI, 1971).

O desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem em sala de aula é demarcado por uma relação especial, que abarca as figuras de educador e educando, na construção e apreensão do conhecimento. Tão importante o professor quanto sua posição relativa a mediação do saber, nunca como um mero detentor do mesmo. Ser professor não compreende apenas um cumprimento sistemático de tarefa atribuída, de transferência de conhecimentos, seu trabalho ultrapassa a relação entre profissional e aluno, chegando e devendo, atingir na formação de valores sublimes que envolvem respeito, carinho, compreensão, humildade, amor ao semelhante, entre outros. Como menciona RODRIGUES (1997), não faz parte da função do professor tão somente transmitir conhecimentos, o valor da sua figura profissional é mais abrangente, ultrapassando até os limites do simples processo ensino-aprendizagem escolar.

Na sala de aula, o que nota-se, é muitas vezes, um regimento imposto, que envolve regras e deveres disciplinares, para além deste fato, percebe-se ainda o não entendimento por parte dos alunos, relacionados a tais regras e seu cumprimento, acarretando muitas vezes em traumas e reações negativas quanto ao seu comportamento escolar. Na concepção de GADOTTI (1999, p.2):

O educador, ao fazer uso do diálogo, não deve sentir-se como um conhecedor de tudo, mas sim, como um indivíduo humilde, que não é portador de todo conhecimento e para tanto, reconhece que o analfabeto também detém conhecimentos importantes, aqueles oriundos de sua experiência de vida.

Segundo descreve Gadotti(1999)para o aluno, é mais interessante e importante aprender a partir de um ambiente (tanto físico quanto humano) que o deixe motivado. O desejo de aprender, de forma significativa é uma atividade que deve oferecer espontaneidade e prazer aos discentes, pois, esta tarefa muitas vezes não é cumprida pelas crianças com muita facilidade, sendo vista até como uma obrigação. A tarefa do professor em sala de aula, bem como seu modo de se relacionar com os alunos são impulsionados e expressos pela afinidade que este tem com a sociedade e a cultura.

Freire (1996, p.96), demonstra as características do professor que busca envolver seus alunos afetivamente a partir de um pensar:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam por que acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (Freire, 1996, p.96).

Referente ainda à influencia exercida pelo professor na vida pessoal do aluno, Freire (1996) afirma ainda que:

“[...] o professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca”. (FREIRE, 1996, p. 96)

Entretanto, a importância da afetividade, amizade, confiança e respeito entre educador e educando, para que a aprendizagem seja verdadeira, concreta e completa, bem como, libertadora, SIQUEIRA (2005, p.01), saliente que, os professores não devem deixar que tais sentimentos atrapalhem-no no cumprimento de seu dever de professor.

Uma educação escolar pautada na afetividade pode formar sujeitos autônomos e autoconfiantes, pois a educação afetiva busca formar cidadãos conscientes e detentores de seus direitos, civis e políticos, como também deveres.

Através da afetividade na educação infantil se faz possível executar um trabalho educacional que ultrapassa o ensino tradicional, construindo relações sólidas, que venham subsidiar o processo ensino-aprendizagem, onde a metodologia pedagógica utilizada pelo professor faça uso desta influência afetiva para o aprimoramento do desenvolvimento infantil, educacional e individual dos alunos.

O professor é um líder em sala de aula, e este coordena este processo que viabiliza a formação do conhecimento do aluno, e a aprendizagem é o resultado deste processo, assumido pelo professor, culminando assim numa aprendizagem que forma nos alunos uma autonomia em sua aprendizagem, desenvolvimento equilibrado de atitudes e habilidades, que posteriormente serão compartilhados. Para que a aprendizagem seja completa é necessário que esta tenha o poder de não apenas repassar conteúdos de um currículo escolar, mas também influencie uma mudança comportamental nos alunos, ampliando assim seu potencial.

4. Procedimento Metodológico

De início para realização desta pesquisa foi realizado uma pesquisa bibliográfica, que forneceu dados sobre o tema e seus princípios. Para Macedo (1994) pode-se definir pesquisa bibliográfica como a primeira etapa no desenvolvimento de um trabalho científico a partir da análise de informações, partindo do assunto ou tema escolhido. Enquanto que para Rodrigues (2007), a pesquisa bibliográfica é uma forma de revisar todo conhecimento científico que estava guardado, conhecimento este sobre determinado problema. Ao buscar respostas para suas dúvidas, é no questionar que o estudioso intensifica seu processo de entendimento crítico com a realidade. Este processo assim acontece, pois a

[...] pesquisa significa diálogo crítico e criativo com a realidade, culminando na elaboração própria e na capacidade de intervenção. Em tese, pesquisa é a atitude do ‘apreender a apreender’, e, como tal, faz parte de todo processo educativo e emancipatório (DEMO, 1993, p.80).

O ato de pesquisar, bem como sua importância, é intrínseco ao processo educativo. Para que o pesquisador compreenda e domine esta modalidade de trabalho faz-se necessário que o mesmo esteja preparado, dominando assim técnicas de conhecimento. Contribuindo com isto, Cervo e Bervin (2002), ressaltam que a pesquisa tem o objetivo de apresentar soluções de problemáticas que envolvem teoria ou prática, por meio do ato de conhecimento da ciência; inicia-se com a dúvida de um problema e a partir da utilização do método científico procuram possíveis respostas e soluções, no entanto este não é a única maneira de obter conhecimento.

Nesse sentido utilizou-se neste trabalho uma pesquisa de campo, que segundo Rodrigues (2007), é denominado como sendo uma observação de tudo o que está acontecendo, com relação ao objeto estudado, sem interferência ou qualquer controle por parte do observante, pois ele está apenas com esta função, a de observar.

De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 186), pesquisa de campo é aquela usada com o intuito de coletar dados e informações relacionadas ao problema da pesquisa,

procurando desta maneira, respostas ou hipóteses, a qual pretende-se comprovar, desvendando ainda novos fenômenos e suas relações.

Isso posto, evidencia-se que pesquisa de campo dá a possibilidade ao pesquisador descobrir informações relacionadas ao seu objeto de estudo, culminando assim em possíveis respostas ou confirmação de alguma hipótese. A pesquisa de campo permite também o inesperado ao pesquisador, por meio de novos atos, bem como possíveis interações entre os mesmos

Com uma abordagem metodológica qualitativa de caráter exploratório, busca-se a visão para compreensão dos dados e fatos. Na visão de Gamboa (1995, p.94), esse tipo de abordagem visa compreender e interpretar significados das ações e relações humanas e de fatos da realidade. Na proposta exposta neste trabalho apontou-se uma abordagem exploratória, onde se observa o conceito de Duarte (2012, p.03) mostrando a informação sobre o tipo de pesquisa:

Pesquisa exploratória permite uma maior familiaridade entre o pesquisador e o tema pesquisado, visto que este ainda é pouco conhecido, pouco explorado. Nesse sentido, caso o problema proposto não apresente aspectos que permitam a visualização dos procedimentos a serem adotados, será necessário que o pesquisador inicie um processo de sondagem, com vistas a aprimorar ideias, descobrir intuições e, posteriormente construir hipóteses.

De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 188), a pesquisa exploratória utiliza-se de procedimentos sistemáticos para proporcionar observações empíricas ou análises de informações ou impressões de dados. Assim sendo Marconi e Lakatos (2003, p.188), destaca que:

Pesquisas exploratórias - são investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos.

Nesse sentido, o verdadeiro objetivo perante a elaboração deste processo é mostrar o fator principal na escolha do tipo de pesquisa, onde o pesquisador terá a oportunidade de aprofundar-se em seus conhecimentos relacionados à sua investigação, podendo também desenvolver hipóteses, aumentar o conhecimento sobre o ambiente pesquisado fato ou fenômeno, não cometendo precipitações e colocações inadequadas em sua futura conclusão.

4.1 Local de estudo

Esta pesquisa é voltada para o papel da afetividade no processo ensino-aprendizagem na educação infantil, a qual se realizou em duas creches da cidade de Sapé-PB.

Associação Comunitária Nova Vida - ACNV

Localizada a Rua Belino Souto, 162 - Centro. A ACNV foi criada em 1996 com o objetivo de acolher os filhos das mulheres do bairro que trabalhavam na “zona de prostituição”, visto que esta comunidade apresentava alta vulnerabilidade social, a qual contou com a ajuda de amigos Italianos e até os dias atuais esta instituição funciona desta forma. Sua estrutura física é formada por 01 terraço, 01 piscina, 03 refeitórios, 03 salas de aula, 01 dormitório, 04 banheiros, 02 duchas, 01 pátio, 01 parque infantil, 01 cozinha, dentre outras dependências administrativas. Seu quadro de funcionários é composto por 27 profissionais, os quais estão divididos em distintos setores: coordenação (10), cuidadores (06), educação infantil (4) e equipe de apoio (7).

Creche Helena Pessoa de Melo

Localizada na Rua Alzira Soares de Melo 140 – Agrovila. Foi fundado em 1983, o nome da creche foi dado em homenagem a senhora Helena Pessoa de Melo, esposa do primeiro usineiro de cana-de açúcar do vale da Paraíba. A estrutura física desta instituição é composta por 01(uma) biblioteca, 01(um) dormitório, 02(dois) banheiros, 01(uma) secretaria, 01(um) refeitório, 01(uma) cozinha, 02(duas) salas de aula e 01(um) auditório. O quadro de funcionários é formado por: 03 professores, 03 auxiliares de serviços gerais, 03 vigilantes, 05 monitores, 01 cozinheira, 01 auxiliar de cozinha e 01 gestora, sendo assim um total de 17(dezessete) funcionários.

4.2 População e amostra

Com base em dados do IBGE (Instituto Brasileiro Geográfico e Estatísticas), a cidade em que as referidas creches estão localizadas tem uma população de 50.151 habitantes, sua área total é 316 km². A cidade tem um total de 38 escolas e 2 creches, destas 22 estão localizadas na zona rural e 18 na zona urbana (incluindo as creches), no entanto a educação infantil só funciona em 37 escolas e nas duas creches.

Esta pesquisa está voltada para A Importância da Afetividade no Processo de Ensino Aprendizagem, tema este de suma importância para as crianças da educação infantil, fase esta que requer muita atenção dos profissionais da educação. Desta forma irá desenvolver-se um estudo com professores das Creches: Nova Vida e Helena Pessoa situadas no município de Sapé. Trabalhou-se como pesquisados e colaboradores 10 professores das referentes instituições, os quais tem formação em Pedagogia, Matemática e História, nenhum possui especialização. Seus tempos de trabalho fica numa variável entre 1 e 16 anos trabalhando com educação infantil.

4.3 Instrumentos da pesquisa

Foi utilizado no processo de coleta de informações entrevistas. Entrevista é uma aproximação intencional entre duas partes, com o intuito de transmitir e receber informações a respeito de uma determinada problemática, esta conversação procede-se de maneira profissional. Goode e Hatt (1969, p.237), destacam *que “a entrevista consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de certo ato social como a conversação”*. A partir, disto cabe ressaltar que o entrevistador deve ser fiel e preciso na observação quanto ao seu objetivo, transcrevendo com clareza o resultado desta conversação.

Existem diferentes tipos de entrevistas que se adequam com o objetivo do entrevistador. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 197), as entrevistas podem ser: a) Padronizada ou estruturada - elaborada previamente pelo entrevistador, o qual segue um roteiro de perguntas; b) Despadronizada ou não-estruturada - nesta modalidade o entrevistador não segue um roteiro sistemático.

A partir disto utilizou-se na referente pesquisa a entrevista semiestruturada onde, de acordo com Triviños (1987), a entrevista semiestruturada apresenta uma caracterização organizada por questões básicas, as quais são construídas a partir de teorias e hipóteses relacionadas ao foco da pesquisa. As indagações resultariam em novos questionamentos e hipóteses, despontadas a partir das colaborações dos entrevistados. Acrescenta o autor, afirmando que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de possibilitar a atuação consciente e ativa do pesquisador no processo de coleta de dados. (TRIVIÑOS, 1987, p.152). A entrevista semiestruturada permite ainda ao pesquisador, organizar uma pauta com questões principais, as quais podem ser acrescentadas ao decorrer da entrevista.

4.4 Procedimentos para a coleta de dados

Para conduzir com base metodológica este trabalho, inicialmente elaborou-se uma entrevista semiestruturada com perguntas principais. A referida entrevista foi composta de 5 (cinco) questões, a qual foi aplicada no período de 5 dias consecutivos, nas creches campo de pesquisa. Nos dois primeiros dias o trabalho foi desenvolvido na Creche Helena Pessoa de Melo e nos demais dias, na Associação Nova Vida (ACNV).

Antecedendo o início das entrevistas, pediu-se as devidas autorizações direcionadas à direção das instituições e posteriormente foi apresentado aos educadores o tema de estudo, bem como os objetivos relacionados ao mesmo. Desta maneira, aplicaram-se entrevistas semiestruturada, onde teve como colaboradores 10 professores das referidas creches. Os educadores responderam seis questões preparadas estrategicamente, para que se identificasse como estava sendo visto e trabalhada a afetividade na relação professor – aluno para o processo ensino – aprendizagem, bem como as contribuições dos laços afetivos no desenvolvimento cognitivo e de personalidade das crianças daquelas instituições.

Entrevista semiestruturada é muito utilizada em pesquisas de campo, a qual é organizada por uma sequência de questões, preparadas de acordo com o tema de estudo, e por

meio destas, o entrevistado tem a oportunidade de expressar seu entendimento sobre o tema estudado. O pesquisador segue uma sequência de perguntas determinadas e relacionadas com o tema da pesquisa, possibilitando-se uma troca informal de informações, esse tipo de entrevista é utilizado quando deseja-se demarcar a quantidade de informações, obtendo-se um direcionamento mais voltado ao tema, intervindo assim para que os objetivos sejam obtidos com êxito.(Boni, Valdete e Quaresma, Sílvia, 2005, p.75).

Rodrigues (2007, p.135) orienta que o pesquisador tenha cautela para não causar inibição ou constrangimento no sujeito entrevistado ao realizar a entrevista. Segundo o autor:

É recomendável começar pelas indagações menos sensíveis, estimular as respostas completas, mas sem indispor o respondente. Convém apresentar uma indagação por vez, e é imperativo evitar perguntas que induzam respostas. O registro da linguagem corporal é importante - sorriso, choro e outras expressões, pausa, tudo o que possa integrar a interpretação extra literal das declarações.

Rodrigues (2007) ressalta ainda que não é viável aplicar entrevistas a um grande número de sujeitos, e esta deve ser gravada e redigida em seguida, de forma que possam ser aproveitados os detalhes proporcionados pela interação entre entrevistador e entrevistados.

5. ANÁLISE DE DADOS

A partir dos dados apanhados por meio da entrevista, passou-se a investigar como vem sendo desenvolvido o trabalho dos professores das Creches: Helena Pessoa de Melo e Associação Comunitária Nova Vida em relação à Afetividade. Sobre a formação e tempo de serviço dos professores das referidas creches, apenas seis possuem curso superior completo, porém, em áreas diferentes, três estão cursando alguma licenciatura e apenas dois professores possui apenas o magistério, dentre todos nenhum possui pós-graduação. Demonstrado da seguinte forma:

	Formação:	Pós Graduação	Na educação Infantil:	Tempo geral de serviço
Professor A	Curso superior em Pedagogia	Não possui	09 anos	09 anos
Professor B	Magistério e Curso superior em História	Não possui	05 anos	12 anos
Professor C	Curso superior em Pedagogia	Não possui	08 anos	10 anos
Professor D	Curso superior em Pedagogia	Não possui	04 meses	03 anos
Professor E	Curso superior em Pedagogia	Não possui	02 anos	03 anos
Professor F	Magistério	Não possui	03 anos	06 anos
Professor G	Magistério e cursando Pedagogia	Não possui	06 anos	06 anos
Professor H	Curso superior em Matemática	Não possui	09 meses	03 anos
Professor I	Magistério	Não possui	02 meses	01 ano
Professor J	Magistério e cursando Pedagogia	Não possui	16 anos	16 anos

Pergunta 1

Para você o que é afetividade?

Professor A- É a relação de cuidado e carinho que se tem com uma pessoa amada em nossa vida.

Professor B- É o amor e carinho que se tem com as pessoas que nos rodeiam.

Professor C- É uma forma de relacionamento amigável.

Professor D- É o fenômeno de expressar-se de forma carinhosa, meiga e atenciosa.

Professor E- É a forma de cada um compreender o outro: forma de agir, pensar e assim ter uma aproximação sentimental do outro.

Professor F- Vejo de uma forma positiva, ter esse afeto, carinho, ser amiga, isso é importante, isto é afetividade.

Professor G- É uma relação amigável e carinhosa com o próximo.

Professor H- É a relação de carinho com alguém do nosso convívio, seja familiar, entre colegas de trabalho, alunos, entre outros.

Professor I- É a relação de carinho ou cuidado que se tem com alguma pessoa.

Professor J- É a relação ou cuidado que se tem com alguém íntimo ou querido.

Ao analisar todas as respostas que as professoras deram, nota-se que todas são positivas e objetivas quanto o entendimento sobre afetividade, onde definem e entendem a mesma como uma demonstração de carinho e cuidado com os indivíduos que fazem parte de suas vivências. De acordo com Wallon (1954, p.42), *“a afetividade é a primeira etapa de integração com o meio ambiente e a motivação primeira do movimento”* [...]. As emoções

ainda são o alicerce do desenvolvimento da chamada terceira área funcional, as inteligências. (Wallon).

Já Vygotsky (1934, p.120), afirma em suas palavras que:

O desenvolvimento pessoal seria operado em dois níveis: o do desenvolvimento real ou efetivo e o afetivo referente às conquistas realizadas e o desenvolvimento potencial ou proximal relacionado às capacidades a serem construídas [...] os processos pelos qual o afeto e o intelecto se desenvolvem e estão inteiramente enraizados em suas inter-relações e influências mútuas

A partir da citação de Vygotsky (1934, p.120), entende-se que a transição das emoções básicas e essenciais, que levam-nos as experiências por parte das emoções superiores, referindo-se principalmente a vida adulta, onde o lado emocional é mais apurado do que na infância, Ele reafirma que as emoções passam por transformações, não deixando de nunca existir, apenas afasta-se da origem biológica e transforma-se em fenômeno histórico cultural.

Aqui se pode notar que todas tem entendimento da importância e do papel da afetividade na vida ao gerar sentimentos positivos pelo outro, em pensamentos e ações. O acolhimento, o carinho, promove o estímulo adequado ao bom desenvolvimento cognitivo. Pensar no ser humano de forma fragmentada é relega-lo a pensar nas partes sem levar em consideração o todo e vice-versa. O ser humano vai desenvolvendo sua afetividade na convivência com o outro dentro do social. Essa relação é agenciadora de ações essenciais ao seu crescimento de forma boa ou de forma desequilibrada.

Pergunta 2

Como você vê o papel da afetividade no contexto escolar ?

Professor A- Vejo como se pode ajudar as crianças no seu desenvolvimento, gestos e intensão de acolhê-lo para aprender a caminhar no crescimento.

Professor B- é de fundamental importância no contexto escolar, o educador tem que ter uma relação com as crianças de amizade, intimidade e amor para com elas, para que haja bons resultados no processo de formação escolar, haja visto que, a afetividade tem contribuído muito no meu sistema de ensino, levando em consideração a relação de carinho que existe entre eu e eles.

Professor C- É uma forma educativa para melhorar a aprendizagem dos alunos.

Professor D- Vejo de forma sublime, pois o contato afetivo com o alunado possibilita a compreensão das realidades de cada criança, o que viabiliza uma boa relação entre os pais dos mesmos com a escola.

Professor E- Importante. Por muitas vezes as crianças não recebem o afeto em casa, buscam nos educadores esta compreensão, carinho e cuidado.

Professor F- Vejo este contexto de afetividade na escola positivamente, importante para as duas partes, educadora e educando. Para obter bons resultados, se não a esse afeto fica difícil colher bons frutos.

Professor G- Como um papel importante não só no contexto escolar, como também no familiar, social...

Professor H- De acordo com a prática e vivência em sala de aula, acredito que a afetividade no contexto escolar é de grande valia, não só para o educador mas também para as crianças também. Pois a partir do momento que os educandos percebem essa afetividade de professor\aluno, o diálogo entre eles melhoram, a aceitação das regras, entre outras.

Professor I- Ela torna as crianças mais calmas, não ficam agressivas entre si, mas que possa respeitar os colegas e os professores.

Professor J- É muito importante para o desenvolvimento e a construção do conhecimento, pois, por meio das relações afetivas o aluno se desenvolve, aprende e adquire mais conhecimentos, que ajudarão no seu desempenho escolar.

A professora H enfatiza que a afetividade e o diálogo melhoram a aceitação de regras por parte dos alunos, demonstrando estar de acordo com o que diz Freire (1996, p.159-160), “[...] *a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade*”...

As demais professoras abordam a afetividade como uma relação de carinho, intimidade e confiança, sentimentos estes que podem proporcionar um melhor desempenho na aprendizagem dos alunos. De acordo com Freire (1983, p.29), é inexistente educação com a ausência de amor. “Ama-se na medida que busca-se diálogo, integração a partir da conversação com os demais”.

Frente a esta afirmação Codo e Gazzoti (2002), também destacam que o professor deve desenvolver um trabalho voltado para a conquista, impulsionando o aluno a confiar nele, a crer que os conteúdos por eles estudados serão proveitosos.

No entanto, dentro de todo esse contexto chama-se a atenção para o fato de como essa afetividade pode ser burilada de forma errônea misturando afetividade com controle dos ânimos das crianças. Em partes de respostas encontram-se destacados pontos como “amizade, intimidade”, “aceitação das regras”, “torna as crianças mais calmas”. Aqui cabe refletir sobre os cuidados em relação ao movimento de não confundir afetividade com controle das crianças.

Pergunta 3

Você acredita que a afetividade ocorre em relações escolares ? Justifique:

Professor A- Sim. Ocorrendo uma relação de sentimentos e emoções, uma com a outra, podendo considerar um laço criado nos humanos, mesmo sem características sexuais, assim tendo uma parte de “amizade” profunda.

Professor B- Sim. Para se obter melhores resultados no âmbito escolar é preciso que o educador tenha a consciência da importância de se trabalhar a afetividade, como meio de alcançar um bom desenvolvimento na área de ensino e no ambiente escolar, já que a escola é a segunda casa delas, onde passam a maioria do tempo, por isso, precisam de cuidados e carinhos no convívio em que estudam.

Professor C- Sim. Por que a afetividade pode ocorrer em qualquer ambiente.

Professor D- Sim. Pois o trabalho escolar é uma extensão da família das crianças.

Professor E- Sim. Vai de acordo da forma do educador apresentar isto ao ambiente escolar.

Professor F- Sim. Existe afeto nas escolas entre educadora e educando, só que também tem casos que não tem afeto, é só um rótulo de que sou “professora” mas falta o ser “professora” é educar, passar valores, éticas e etc.

Professor G- Sim. Pois podemos desenvolver a afetividade não só na escola mas em qualquer ambiente, basta querermos.

Professor H- Com certeza a afetividade ocorre em relações escolares sim, não só professor\aluno. Pois, depois da família a escola é o segundo ambiente frequentado adaptativo das crianças, é onde as mesmas conheceram novas pessoas, as quais passaram parte dos seus dias presentes uma as outras, e é fato que desenvolveram a afetividade entre elas e entre o educador (a).

Professor I- Sim. Por que aonde tem carinho vai está um bom rendimento com as atividades das crianças o respeito também.

Professor J- A afetividade no ambiente escolar, para o processo ensino-aprendizagem considerando uma vez que, o professor não apenas transmite conhecimentos, mas também ouve as crianças e ainda estabelece uma relação de troca. Deve dar-lhe atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, expondo opiniões, dando respostas e fazendo opiniões pessoais.

Um ponto comum que se pode encontrar nas falas das professoras A, B, C, D, G, H, I e J é quando elas falam que a afetividade pode sim ocorrer em relações escolares, o que

melhora o rendimento e a relação de troca de saberes. Diante disto Tiba (1999), afirma que cuidar (educar) é mais que uma atividade, é uma iniciativa, da qual faz parte não apenas momentos de atenção, afago. Representa dedicação, doação, preocupação e comprometimento afetivo.

Já as professoras E e F demonstram que nem todo professor faz uso da prática afetiva, a falta de afetividade no processo educacional pode acarretar dificuldade de aprendizagem. CORRÊA (2010) ao citar Piaget (2005, p.17) destaca que:

“Em um segundo entendimento, se pode dizer que a afetividade tem interferência nas estruturas da inteligência, que é fonte de conhecimento e de operações cognitivas originais. Este papel acelerador ou perturbador é irrefutável. O aluno incentivado em sala terá mais entusiasmo para estudar e aprenderá com mais facilidade; daqueles que têm dificuldades em matemática, mais da metade dos casos, isso é devido a um bloqueio emocional, a um sentimento de inferioridade específica” [...]. PIAGET, Piaget. *Inteligency y afectividad*. Buenos Ayres: Aique Grupo Editor, 2005, p.17.

Ainda segundo Fernández (1991) o relacionamento estabelecido entre educador e educando, para acontecer a aprendizagem é preciso dois integrantes (ensinante e aprendente) e um vínculo afetivo estabelecido entre ambos. Ao complementar o pensamento o autor ressalta que não aprendemos com qualquer pessoa, apenas de quem concedemos certa confiabilidade e direito de ensinar.

Contudo, apesar de não se poder priorizar a dimensão apenas educativa é necessário se ter a devida atenção com o real entendimento do que representa essa afetividade dentro do espaço escolar. Pontos destacados como “*amizade profunda*”, “*cuidados e carinhos no convívio*”, “*uma extensão da família das crianças.*”, “*tem casos que não tem afeto, é só um rótulo de que sou professora*”, trazem, em algumas ocasiões o exercício equivocado do fazer relativo a afetividade misturando sentimento aberto a receber o outro como ser que vai além da construção formal e mecânica do aprendizado, com o sentimento de pertencimento ao ciclo familiar, até correndo o risco de amenizar ações que poderiam ser entendidas como uma postura “não afetiva”.

Pergunta 4

Você trabalha em sala de aula levando em consideração o papel afetivo? De que forma ?

Professor A- Considerando o papel afetivo das crianças, demonstrando que muitas vezes a afetividade na aprendizagem pode ter uma importância muito grande no processo educativo das crianças.

Professor B- Sim. Particularmente dou muito valor em se trabalhar a afetividade em sala de aula, pois há uma afetividade muito boa entre eu e as crianças que atendo, por meio de conversas e informações sobre a vida delas fora da escola, ouvindo e respeitando seu espaço, no que envolvem o ambiente escolar e fazendo demonstração de carinho.

Professor C- Incentivando os alunos a respeitar os espaços.

Professor D- Sim. Através de trabalhos em grupo ou individual, possibilitando a troca de confiança entre educador e educando, assim trabalhando a consciência cidadã.

Professor E- Sim. Gosto de conhecer a origem de cada um, sendo que dou carinho, trabalho com a turma a importância de beijar os coleguinhas no rosto, abraçar. Mostro a eles que todos são especiais para mim, mas lembrando que sou rígida quando é preciso.

Professor F- Levar o papel da afetividade pra sala de aula é o mais importante pra obter resultados de qualidade dos educandos, com isto levar para a vida.

Professor G- Sim. Incentivando os alunos a terem respeito com os colegas, familiar e funcionários da escola.

Professor H- Na minha sala de aula eu trabalho sim o papel afetivo; não diferenciando uma criança de outra, mais ao mesmo tempo mostrando que a mesma possa melhorar, caso faça algo incorreto. Dialogando com os mesmo, as experiências deles, não só diálogo de conteúdo mas também da vida deles fora da escola, procurando saber o que eles gostam de fazer, e etc.

Professor I- Sim. Conversando, falando que todos são irmãos, dando carinho quando é preciso e não só a uma criança mas a todas.

Professor J- Sim. De forma simples e clara, conquistando a confiança das minhas crianças e assim tornando fácil o meu trabalho para com elas.

Pode-se analisar a fala de todas as professoras, onde aparecem pontos positivos quanto o trabalho desenvolvido em sala de aula com base na afetividade, procurando incentivar conceitos e atitudes que visam a valorização de valores éticos na formação dos educandos, bem facilitar a aprendizagem dos mesmos.

De acordo com (CUNHA 2008), ensinar é dar a chance ao educando de aprender, levando em conta o respeito e a identidade de cada um, identificando seus limites, não transmitindo apenas conteúdos, mas dar a oportunidade para que o educando sinta alegria e dedique-se ao estudo, sendo o afeto um ingrediente primordial para uma boa aprendizagem. Frente a isto CUNHA(2008) afirma que:

Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompem em lugares que muitas vezes, estão fechados as possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoas e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia seriam difíceis encontrar algum mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz. (CUNHHA 2008 p.51)

Aqui Saltini (2008) chama a atenção dentro do ato de educar trazendo o destaque que, “[...] educar seria, então, conduzir ou criar condições para que, na interação, na adaptação da criança de zero até seis anos, fosse possível desenvolver as estruturas da inteligência [...]”. Desse modo, por meio das respostas dos professores entrevistados percebeu-se que a prática metodológica ministrada pelos mesmos está de acordo com as teorias dos estudiosos citados anteriormente.

Aqui se vê pontos também relativos ao possível entendimento equivocado do que a afetividade representa quando se observa nas falas questões referentes a “*por meio de conversas e informações sobre a vida delas fora da escola[...]e fazendo demonstração de carinho.*”, “*dou carinho, trabalho com a turma a importância de beijar os coleguinhas no rosto, abraçar.*”, “*falando que todos são irmãos*”, “*conquistando a confiança das minhas*

crianças e assim tornando fácil o meu trabalho para com elas”(grifo nosso). Até que ponde se pode diagnosticar ações desse feitio como reforço afetivo ?

Bem se vê dentre outros pontos itens significativos em relação à temática onde demonstra surgir o exercício muito mais efetivo da compreensão da mesma perante as ações diárias. Aqui sim, na fala destacada das professoras C, D, G e H existem frações proporcionais a um entendimento mais voltado a função da construção mediadora entre professor e aluno nesse processo afetivo dentro de itens como “*possibilitando a troca de confiança entre educador e educando [...]a consciência cidadã.*”, “*respeitar os espaços.*”, “*a terem respeito com os colegas, familiar e funcionários da escola.*”, “*não só diálogo de conteúdo mas também da vida deles fora da escola.*”, é um sentimento muito mais abrangente num sentido real do papel que cada um tem nesse caminhar.

Pergunta 5

A afetividade pode contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos ? De que forma ?

Professor A - Sim. Estabelecendo na fase inicial do ensino de aprendizagem, havendo afetividade uns com outro de acordo com suas necessidades das crianças no dia-a-dia na sala de aula.

Professor B - Com certeza. Pela experiência que tenho em sala, de aula certifico que a afetividade tem contribuído bastante para melhoria da aprendizagem das crianças, devido a proximidade do educador com relação as mesmas, demonstrando as crianças de forma evidente, o carinho e a segurança no meio escolar, para que elas possam se desenvolverem com mais resultados.

Professor C- Sim. Sempre explico para os alunos sobre a importância do amor ao próximo e assim melhorando sua autoestima no ambiente escolar e familiar.

Professor D- Sim. Despertando os sentimentos de amizade, compreensão e carinho para com o educador e os colegas, sendo repassado em casa e no meio social de suas vidas, e assimilando melhor o conteúdo pedagógico aplicado em sala.

Professor E- Com certeza. Temos que vê que os educandos não são máquinas, mas sim que são humanos que tem dificuldades, problemas emocionais, que quando não conhecido pelo educador que começa a cobrar dos educandos mais, isto causa um desgaste para ambos, que o aprendizado não acontecer. Mas quando o educador conhece a realidade do educando e tenta entender sua origem e através disto o aluno sente que nele pode confiar, melhora muito o aprendizado por eles, eles além de educador educandos, tornam-se amigos.

Professor F- De forma positiva, onde têm carinho, afeto, respeito e amor no que se “faz” se você planta uma flor e não dar carinho, não cuida, não colocar pra tomar sol, como essa flor vai ser uma “orquidia”.

Professor G - Sim, por que havendo afetividade a agressividade diminui e a aprendizagem tem maiores e melhores resultados.

Professor H- É evidente que a afetividade contribui no desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. Acredito que a confiança e segurança depositada no educador são fundamentais para o desenvolvimento dos alunos. Ao elogiarmos o trabalho e as conquistas dos alunos, também é uma forma de melhorar o desenvolvimento deles.

Professor I - Sim, quando fazemos alguma coisa com amor e carinho tudo fica melhor e tratando as crianças com amor elas vão sentir vontade de voltar a creche a fazer as tarefas por que eles tantos vai aprender com vai receber carinho.

Professor j – Pode sim, pois a relação de carinho e confiança entre educador e educando facilita o relacionamento entre os mesmos, contribuindo assim com uma aprendizagem prazerosa.

Dentro deste questionamento respondido pelas professoras observa-se que as respostas todas são afirmativas no sentido da devida importância e contribuição para o desenvolvimento. Posicionam de forma clara quanto a sua metodologia utilizada em sala de aula, a qual está pautada nos pilares da afetividade, contribuindo assim com a autoestima e o desenvolvimento das crianças. Um ponto chamou a atenção, foi a resposta da professora E, quando a mesma posiciona-se, em relação a importância do educador de conhecer a realidade do educando e sua origem, a respeito disso Saltini (2008) ressalta que:

O professor (educador) obviamente precisa conhecer e ouvir a criança. Deve conhecê-la não apenas na sua estrutura bio fisiológica e psicossocial mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola. (Saltini, 2008, p.63).

Saltini (2008) demonstra a importância do laço afetivo entre aluno e professor, precisando entender que a criança tem sentimentos diversos, próprios de sua idade, como também dificuldades, tanto físicas quanto emocionais. É preciso conhecer o educando, seus anseios, medos, dificuldades, e assim estar decidido a ajudá-lo, elevando sua autoestima e fazendo-o perceber-se como um ser especial, que está sempre aprendendo coisas novas e assim crescendo.

Na percepção de Cunha (2008) é fundamental que o educador saiba realizar uma aula que motive o aluno, onde ele sinta-se importante no processo de ensino-aprendizagem. Nisso Cunha (2008, p.69) também destaca que, *“Há professores – mesmo com pouquíssimos recursos – que afetam tanto que são capazes de transformar suas aulas em dínamos de inteligências, mesmo citando o catálogo telefônico [...]”*. Dessa maneira, conclui-se que a afetividade é fator fundamental e preponderante na prática pedagógica de todo professor.

Ainda cabe destacar pontos nas falas relativas a questões de como ir muito mais além do que apenas ter o movimento de *“havendo afetividade uns com outro”* ser capaz de desenvolver o cognitivo amplamente encaminhado. Cabe entender que na fala das professoras C, D, E, H, J vislumbra-se melhor esse entendimento quando traz o *“melhorando sua autoestima”*, *“Despertando os sentimentos de amizade, compreensão e carinho”*, *“o educador conhece a realidade do educando e tenta entender sua origem”*, *“Ao elogiarmos o trabalho e as conquistas”*, e ainda a *“aprendizagem prazerosa.”*

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de pesquisa aqui desenvolvido procurou investigar as práticas pedagógicas desenvolvidas na Educação Infantil, bem como a valorização da Afetividade como ponto norteador dentro do espaço escolar das creches Helena Pessoa de Melo Ribeiro Coutinho e Associação Comunitária Nova Vida (ACNV), onde buscou-se o entendimento dos professores sobre o foco do trabalho “afetividade”, por meio de entrevistas e sucessivamente a análise das mesmas, destacando pontos cruciais que demarcam este processo de ensino-aprendizagem.

Ao caminhar-se com o objetivo de analisar qual o papel da afetividade no desenvolvimento educacional da criança no município de Sapé P.B, visando entender como os professores vêm trabalhando em sala de aula dentro deste contexto, descobriu-se um interessante conecto ainda com o contexto do cuidar por si só em algumas falas. Tendo o papel fundamental no vínculo ensino-aprendizagem a afetividade vem ganhando subsídios para melhorar o entendimento da mesma sem estar apenas vinculada a ação do carinho ao outro.

Ao busca a história sobre o conceito de infância, da idade média até os dias atuais, entende-se que a inserção das crianças em creches e pré-escolas requer não apenas cuidados físicos, educação conteúdista. Faz-se assim necessário uma atenção a individualidade de cada criança, valorização e apoio na formação da personalidade, base esta que é própria de uma prática metodológica com alicerces afetivos, culminado assim não apenas no reconhecimento e respeito de seus direitos mas reconhecidos como pequenos cidadãos.

Oportunizou-se com isso uma reflexão em relação ao como deve acontecer este processo, proporcionando um olhar mais preparado para entender que laços afetivos construídos no ambiente educacional podem e devem ser valorizados. A partir disto poderá promover-se a possibilidade de acontecer uma aprendizagem completa, que se preocupa não apenas com o “aluno” e sim com a “criança” como um todo, bem como suas peculiaridades.

Dentre as análises elaboradas nas creches citadas anteriormente, comprovou-se que os professores(as) participantes da pesquisa demonstram entender a relevante contribuição do aspecto afetivo e emocional para o desenvolvimento da criança no ambiente escolar. Ficou

claro que a partir da pesquisa que as instituições observadas e envolvidas no estudo aqui apresentado, valorizam e desenvolvem práticas afetivas direcionadas ao alunado.

No entanto, ainda possuem em alguns momentos, discursos que ligam a afetividade apenas ao ato de beijar, “*amizade profunda*” “*todos são irmãos*”, “*...tornando fácil o meu trabalho*”, deixando o entendimento de que, por vezes, ainda encontra-se desvinculada a aprendizagem e impregnada de sentimento de cuidado como família.

Em suma, constata-se que alguns dos professores conhecem a realidade cultural e familiar das crianças que fazem parte daquela instituição educacional, suas necessidades e carências, e tentam suprir isso, como demonstra a fala da professora E quando diz “*Por muitas vezes as crianças não recebem o afeto em casa, buscam nos educadores esta compreensão, carinho e cuidado*”. Vê-se nessa afirmativa que a professora observa o educando, preocupa-se com o bem estar do mesmo, busca sanar a falta de afeto encontrado pelo mesmo no seio familiar.

Diante deste contexto busca desenvolver estratégias em sala de aula para que não aconteça a dispersão deste aluno em sua aprendizagem, a respeito disso a professora F ressalta que “*Levar o papel da afetividade pra sala de aula é o mais importante pra obter resultados de qualidade dos educandos, com isto levar para a vida*”. Nota-se nessa fala que a professora valoriza e é consciente de que é preciso atrelar à sua metodologia de ensino práticas que elevam o índice de aprendizagem dos alunos, preparando-os assim para a sociedade.

Uma escola afetiva deve oferecer aos alunos um ambiente tranquilo, que transmita confiança, onde todos sintam-se bem ao fazerem parte da instituição. Que seja transmitido valores morais, culturais e éticos, que formarão a personalidade e consciência cidadã, procurando de tal maneira entrelaçar a família e a escola nesta perspectiva harmoniosa. Aqui é interessante que as emoções sejam tomadas como a expressão da subjetividade de cada aluno, dando oportunidade a cada criança de expressar-se. Assim passarão ao exercício de desenvolverem uma autonomia no seu próprio processo de crescimento e desenvolvimento, vivenciando situações de crescimento interior que as tornarão adultos conscientes.

Diante de tal situação observa-se que a valorização das emoções e afetividade no campo educacional, não resume-se apenas a demonstrações de carinho, vai além. Os professores devem estar preparados para atender uma diversidade de crianças, com realidades

diferentes, muitas vezes cruel. O educador deve ter atitudes de respeito e humildade, valorizar essa diversidade que forma seu campo de trabalho, atendendo adequadamente cada aluno como único, exclusivo. Oferecer subsídios para que as mesmas possam fazer uso do espaço educacional como uma extensão de suas casas, dessa maneira o processo educacional fará grandes avanços.

É importante destacar aqui que esse processo de entender a afetividade desvinculada do papel apenas do cuidar ainda precisa de um bom caminhar. Fazer entender que vai mais além do que “beijos”, “abraços” e deixa-los quietos. É essencial sim para ampliar uma ação que pode promover um despertar de valores, ética, segurança pessoal. Transformar o caminhar em reforço convidativo ao aprender significativo e a coragem entendida do ato de errar e acertar, é abrir as portas para sentir-se apto a essa busca com respeito e confiança.

Foi possível perceber que faz-se primordial valorizar e conscientizar todos profissionais da educação que a afetividade pode auxiliar de maneira eficaz o processo educacional. Porém vale ressaltar que é necessário que sejam feitas mais pesquisas neste contexto, dando continuidade ao estudo, para que dessa forma possam dar maiores contribuições ao contexto educacional, mais especificamente na educação infantil, por meio de creches e pré-escolas, para que assim tenhamos uma educação de qualidade.

Referências

- ALMEIDA, Ana Rita Silva (1999). **A emoção na sala de aula**. Campinas. Papirus
- ALMEIDA, José Robério de Sousa. **As emoções como elementos facilitadores da aprendizagem**. 2008
- ALMEIDA, L. R; MAHONEY, A. A. Henri Wallon - **Psicologia e Educação**. São Paulo: Loyola, 2005.
- AMARILHA, Marly. **Infância e literatura: traçando a história**. Revista Educação em Questão. Natal: EDUFRRN, v. 10/11, p. 126-137, 2002.
- ANTUNES, Celso. **Relações interpessoais e autoestima: a sala de aula como espaço do crescimento integral** . 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro. LTC,1978.
- BERCHT, M. **Em Direção a Agentes Pedagógicos com Dimensões Afetivas**. 2001. 152 f. Tese (Doutorado em Ciência da Computação) – Instituto de Informática, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1329/000101884.pdf?sequence=1>>. Acessado em 26. 05.2013.
- Boni, Valdete e Quaresma, Sílvia, (2005), **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**, in Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**, promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <www.planalto.gov.br/legislação/leis> Acesso em 29.05.2013.
- BUJES, Maria Isabel E. **Escola Infantil: pra que te quero**. In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. (orgs.). Educação Infantil pra que te quero?. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CERVO, A. L., BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002. 162 p.

CODO, Wanderley (Coordenador) GAZZOTTI, Andréa Alessandra. **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, RJ: 3ª Edição. Ed. Vozes. Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2002.

CORREIA, Elienay dos Santos. **A Afetividade nas Relações Escolares e o Papel da Família**. São Francisco de Itabapoana, 2010. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

CUNHA, Antônio Eugênio, **afeto e aprendizagem relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: wak2008.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DANTAS, H. A. **Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. In: TAILLE, Y. D. L.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. Piaget, Vygotsky, Wallon: **Teorias Psicogenéticas em Discussão**. 18 ed., p.85-97. São Paulo: Summus, 1992. Dicionário Larousse Cultural, Ed. Nova Cultura, São Paulo, 1999.

DE LA TAILLE, Yves; OLIVEIRA de, Marta Kohl; DANTAS, Heloysa. Piaget, Vygotsky e Wallon: **teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

DEMO, P. **Desafios modernos de educação**, 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

Dicionário online Caldas Aulete(aulete.uol.com.br). <http://aulete.uol.com.br/afeto>, acessado em 04 de junho de 2013, as 16h.

DIDONET, Vital. Creche: a que veio, para onde vai. In: **Educação Infantil: a creche, um bom começo**. Em Aberto/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. v 18, n. 73. Brasília, 2001

Educação Infantil e Currículo. In FARIA. A.L.G, PALHARES. M. S. **Educação infantil pós LDB: rumos e desafios**. São Paulo: Autores Associados, 1999.

Enciclopédia Larousse Cultural – Nova Cultura, Ed. Plural – 1998.

Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069, de 13 de junho de 1990.

FERNANDÉZ, A. **A inteligência aprisionada.** Porto Alegre: Artes Médicas. 1991.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo: Olho d'água, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1983. Coleção Educação e Comunicação vol. 1.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire.** São Paulo: Scipione, 1999.

GAMBOA, Sílvio Sanchez. **A dialética na pesquisa em educação:** elementos de contexto. In: FAZENDA, Ivani (Org.). *Metodologia da pesquisa educacional.* 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991. p. 91-115.

GOLEMAN, Daniel, PhD. **Inteligência amocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GOODE, William J., HATT, Paul K. **Métodos em pesquisa social.** 2 ed. São Paulo. Ed. Nacional, 1969.

GRISI, R.. **Didática mínima.** 3. ed. São Paulo: Nacional, 1971.

HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância:* da Idade Média á época contemporânea no Ocidente. Porto Alegre: Artmed, 2004.

IMBASCIATI, Antônio. **Afeto e Representação: para uma psicanálise dos processos cognitivos.** Trad. por RESENDE, Neide Luiza de. São Paulo: Editora 34, 1998.

JUNQUEIRA, Laila Todarelli. **Afetividade na Educação Infantil.** Brasília, 2013. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Brasília. Faculdade de Educação.

KLEIN, L. R. (1996) **Alfabetização: quem tem medo de ensinar**. São Paulo: Cortez.

KRAMER, Sônia. **A Política do pré-escolar no Brasil: A arte do disfarce**. 7ª edição. São Paulo: Cortez, 2003.

KUHLMANN, JR, M. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LA TAILLE., Y. *Prefácio*. In, PIAGET, J. **A construção do real na criança**. 3.ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

MACEDO, Neuza Dias de. **Iniciação à Pesquisa Bibliográfica: Guia do Estudante para a Fundamentação do Trabalho de Pesquisa**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria: **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2003.

MERISSE. A. Origens das instituições de atendimento à criança: o caso das creches. In MERISSE. A et al. **Lugares da Infância: reflexões sobre a história da criança na fábrica, creche e orfanato**. São Paulo. Arte e Ciência, 1997.

OLIVEIRA, José H. Barros de. Freud e Pia-: **afetividade e inteligência**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: Fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

PIAGET, Jean. **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

PINO, A. (1997) **O biológico e o cultural nos processos cognitivos, em Linguagem, cultura e cognição: reflexão para o ensino de ciências. Anais do encontro sobre Teoria e Pesquisa em ensino de ciências**. Campinas: gráfica da Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, p. 524.

RIZZO, Gilda. **Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ROCHA, Eloisa A. C. **A pesquisa em educação infantil no Brasil- trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma Pedagogia da Educação Infantil**. UFSC, Centro de Ciências da Educação, Núcleo de Publicações, Florianópolis/ SC, 1999.

RODRIGUES, N. **Por uma nova escola: o transitório e o permanente na educação**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

RODRIGUES, Rui Martinho. **Pesquisa acadêmica: como facilitar o processo de preparação de suas etapas**. São Paulo: Atlas, 2007.

SALTINI, Cláudio J.P. **Afetividade e Inteligência**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

SCHIMIDT. M. A. M. **Infância: sol do mundo. A primeira Conferência Nacional de Educação e a construção da infância brasileira. Curitiba, 1927**. Curitiba, 1997.

SIQUEIRA, Denise de Cássia Trevisan. **Relação professor-aluno: uma revisão crítica**. (2005). Disponível em: [conteudo.escola](http://conteudo.escola.br). Acesso em 29 de junho de 2013.

SIQUEIRA, Fabio; MERTENS, Roberto Karlmeier; FUMANGA, Mario; BENEVENTO, Claudia: **Capítulo I: Do conhecimento científico e pesquisa acadêmica**. FGV ed. 2008. Disponível em: http://www.uff.br/sga/monografia/MATERIAL_U_ECO.pdf Acesso em: 07/07/2013.

TIBA, I (1999) **Quem ama educa**. São Paulo: Gente.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1934.

WADSWORTH, b.j. (1993). **Inteligência e Afetividade na teoria de Jean Piaget**. 2. Ed.- São Paulo: Pioneira.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 2007.

WALLOW, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições, 1995.

APÊNDICE A – Termo de Anuência da Instituição/Autorização para a Pesquisa

Sra. Diretor (a) _____

Com os nossos cumprimentos iniciais, vimos pelo presente, solicitar de Vossa Senhoria, a autorização para que a discente **MARIA DA GUIA DA SILVA** do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia a Distância (CE/UFPB), possa desenvolver a pesquisa para projeto intitulado: **AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTEXTUALIZANDO O PAPEL NA APRENDIZAGEM**. Para isso, será necessária a vossa colaboração, dando a permissão para que a acadêmica possa coletar dados na **CRECHE HELENA PESSOA DE MELO RIBEIRO COUTINHO**, Sapé-PB. Este trabalho será de importância fundamental para a realização da referida pesquisa e crescimento profissional da acadêmica.

Atenciosamente,

Profa. Ma. Karla Lucena de Souza

Orientadora

Universidade Federal da Paraíba

Maria da Guia da Silva

Acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia a Distância (CE/UFPB)

Universidade Federal da Paraíba

Sapé - PB, ____/____/2013.

APÊNDICE A – Termo de Anuência da Instituição/Autorização para a Pesquisa

Sra. Diretor (a) _____

Com os nossos cumprimentos iniciais, vimos pelo presente, solicitar de Vossa Senhoria, a autorização para que a discente **MARIA DA GUIA DA SILVA** do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia a Distância (CE/UFPB), possa desenvolver a pesquisa para projeto intitulado: **AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTEXTUALIZANDO O PAPEL NA APRENDIZAGEM**. Para isso, será necessária a vossa colaboração, dando a permissão para que a acadêmica possa coletar dados na **ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA NOVA VIDA (ACNV)**, Sapé-PB. Este trabalho será de importância fundamental para a realização da referida pesquisa e crescimento profissional da acadêmica.

Atenciosamente,

Profa. Ma. Karla Lucena de Souza

Orientadora

Universidade Federal da Paraíba

Maria da Guia da Silva

Acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia a Distância (CE/UFPB)

Universidade Federal da Paraíba

Sapé - PB, ____/____/2013.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Nome da Pesquisa: Afetividade na Educação Infantil: contextualizando o papel na aprendizagem

Pesquisadoras responsáveis: Karla Lucena de Souza e Maria da Guia da Silva

Informações sobre a pesquisa:

Estamos realizando um estudo sobre a Afetividade na Educação Infantil: Contextualizando o papel na Aprendizagem no município de Sapé. Para isso solicitamos a sua participação para investigarmos o seu conhecimento quanto a tal tema. A sua participação é muito importante, pois trará contribuição em relação ao tema abordado e investigado como também para o ensino, a pesquisa e extensão.

Os dados serão coletados mediante a utilização de um instrumento de coleta de dados com perguntas abertas e autorização previa dos professores (as), utilizando-se da prerrogativa do livre arbítrio. A coleta de dados será realizada nos mês de maio de 2013 na referida unidade Creche Helena Pessoa de Melo Ribeiro Coutinho.

Eu _____, abaixo assinado, tendo recebido as informações acima, e ciente dos meus direitos abaixo relacionados, concordo em participar da pesquisa, tendo:

- 1 - A garantia de receber todos os esclarecimentos sobre as perguntas da entrevista antes e durante o transcurso da pesquisa, podendo afastar-me em qualquer momento se assim o desejar, bem como está assegurado o absoluto sigilo das informações obtidas.
- 2 - A segurança plena de que não serei identificada mantendo o caráter oficial da informação, assim como, está assegurada que a pesquisa não acarretará nenhum prejuízo individual ou coletivo.
- 3 - A segurança de que não terei nenhum tipo de despesa material ou financeira durante o desenvolvimento da pesquisa, bem como, esta pesquisa não causará nenhum tipo de risco, dano físico ou mesmo constrangimento moral e ético ao entrevistado.
- 4 - A garantia de que toda e qualquer responsabilidade nas diferentes fases da pesquisa é dos pesquisadores, bem como, fica assegurado poderá haver divulgação dos resultados finais em órgãos de divulgação científica em que a mesma seja aceita.
- 5 - A garantia de que todo o material resultante será utilizado exclusivamente para a construção da pesquisa e ficará sob a guarda do pesquisador, podendo ser requisitado pelo entrevistado em qualquer momento.

Diante do exposto, solicitamos o consentimento de sua participação voluntária no referido estudo, por meio da assinatura abaixo.

Sapé - PB, ____ de _____ de 2013.

Assinatura do participante

UNIVERSIDA FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB

PERGUNTAS DE PESQUISA DE CAMPO – TCC

NOME: _____

FORMAÇÃO () graduação _____

() pós-graduação: _____

TEMPO DE SERVIÇO NA EDUCAÇÃO: _____

TEMPO DE SERVIÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: _____

1 – Para você o que é afetividade ?

2- Como você vê o papel da afetividade no contexto escolar ?

3 – Você acredita que a afetividade ocorre em relações escolares? Justifique.

4 – Você trabalha em sala de aula levando em consideração o papel afetivo ? De que forma ?

5 – A afetividade pode contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos ? De que forma ?